



AEDOS

Revista do corpo discente
do PPG-História da UFRGS

Anna Savitskaia: ou, como narrar uma vida na União Soviética (1964-1988)

Anna Savitskaia: or, how to narrate a life in the Soviet Union (1964-1988)

Lúcio Geller Junior¹

Resumo: O presente artigo versa sobre a trajetória de vida da ex-tradutora soviética Anna Savitskaia, nascida em Donetsk, Ucrânia (1964), em uma família de ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e de ex-militares da URSS (1917-1991). Na capital, Kiev, Anna viveu junto com os pais e cursou Línguas Romano-Germânicas no Instituto de Linguística, recebendo a patente de tradutora militar. Após a derrocada da URSS, Anna, acompanhada de seu marido Oleg Savitskii, migrou para o Brasil em 1992, onde reside em Porto Alegre (RS) desde então. Neste artigo, procura-se investigar como Anna narra sua história de vida na URSS e interpreta este passado que antecedeu sua partida. Compreendem-se suas narrativas (geradas em entrevistas de história oral) como um produto interior, capaz de oferecer uma visão retrospectiva e relativamente organizada de um sujeito.

Palavras-chave: Anna Savitskaia; Memória; Trajetória.

Abstract: This article deals with the life trajectory of former Soviet translator Anna Savitskaia, born in Donetsk, Ukraine (1964), in a family of former World War II combatants (1939-1945) and former USSR military personnel (1917 -1991). In Kiev, Ukraine capital, Anna lived with her parents and studied Romano-Germanic languages at the Institute of Linguistics, receiving the rank of military translator. Following the collapse of the USSR, Anna, accompanied by her husband Oleg Savitskii, migrated to Brazil in 1992, where she has lived in Porto Alegre (RS) ever since. This article seeks to investigate how Anna narrates her life story in the USSR and interprets this past before her departure. Their narratives (generated in oral history interviews) are understood as an interior product, capable of offering a retrospective and relatively organized view of a subject.

Keywords: Anna Savitskaia; Memory; Trajectory.

Introdução: começando por Pasárgada

*“Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para gente namora”*

Manuel Bandeira
(*Vou-me embora pra Pasárgada*, 1930)

¹ Graduado em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e graduando em Bacharelado em História pela UFRGS. E-mail: lucio.geller@gmail.com.

Pasárgada foi uma cidade persa dos tempos do Império Aquemênida de Ciro II, fundada no século VI a.C. e que hoje encontra-se em ruínas no Irã. O poeta brasileiro Manuel Bandeira (1886-1968) parodiou a histórica cidade em um reino imaginário, onde os seus moradores desfrutariam plenamente de inúmeros prazeres. A evasão para outra realidade, diferente da do autor, é uma fuga para uma espécie de paraíso. A Pasárgada de Bandeira é a representação do “mito da felicidade”, onde tudo é permitido vivenciar. Mas neste artigo, entre a cidade histórica e o poema de Manuel Bandeira, encontra-se uma terceira figura. Dessa vez, “olho no olho”. Uma professora de línguas (russo e inglês) que viveu na União Soviética (URSS) até o colapso do campo socialista na última década do século XX.

Essa personagem, de “carne e osso”, é Anna Savitskaia (1964-), que em uma entrevista de história oral, em 13 de setembro de 2018, usou da poesia de Manuel Bandeira para tentar expressar o significado que a Guerra Fria teve em sua vida na URSS em uma dimensão que ela chamou de “psicanalítica” (Entrevista 2). O entrevistador na ocasião ouvia atento, pois como advertiu Alistair Thomson (2002, p. 357) “as formas pelas quais as histórias de vida são narradas - as ênfases e os silêncios, os padrões linguísticos e as metáforas - podem ser altamente reveladoras da natureza e do significado da experiência”.

Anna, nascida na cidade de Donetsk na Ucrânia, é, como ela mesma apresentou-se, de uma família de ex-combatentes da “Grande Guerra Patriótica” e de ex-militares de carreira da URSS (Entrevista 1). Ela vivenciou o dia a dia do país até a dissolução em 1991. Processo que a levou a migrar, junto com o marido Oleg Savitskii, em 1992. O destino do casal foi a região sul do Brasil, Porto Alegre (RS), onde vivem até hoje. Em Kiev, capital da Ucrânia, Anna viveu junto com os pais em *komunalkas* (moradias comunitárias) e cursou Línguas Romano-Germânicas no Instituto de Linguística, recebendo, além da diplomação, a patente de tradutora do serviço militar soviético (Anexo 1). Em Porto Alegre, ela trabalha com aulas particulares de língua inglesa e russa, além de traduzir textos nestas línguas.

O primeiro encontro com Anna, contudo, se deu muito antes do desenvolvimento de uma pesquisa sobre a sua vida. Alguns fragmentos de suas histórias foram ouvidos pela primeira vez em uma plateia, em um evento temático sobre o centenário da Revolução Russa, intitulado *As Mulheres na Revolução Russa*, realizado no dia 11 de novembro de 2017 no Sindicato dos Municípios de Porto Alegre (SIMPA). Na ocasião, Anna foi convidada para debater sobre o papel das mulheres no processo revolucionário e as teóricas russas do marxismo, como Alexandra Kollontai (1872-1952). A fala de Anna trouxe não apenas uma instigante discussão teórica, mas uma narrativa sobre a sua passagem por aquele lugar que começou há cem anos atrás e implodiu em meio a sua vida.

A partir daí, ainda que ela não seja uma figura pública, reconhecida em seus países, se desenvolveu um interesse por observar justamente a historicidade da vida privada, bem como problematizar as fronteiras e o relacionamento entre esses espaços, público e privado. Em que o segundo pode, muitas vezes, ficar à margem das análises históricas. De certa forma, constituiu-se um movimento de aproximação com as narrativas de Anna desde 2017, procurando torná-las fontes orais para pesquisa. Embora os caminhos e descaminhos de Anna no Brasil não tenham sido (por enquanto) o objeto de estudo, e sim a sua vida na URSS, colocar a experiência migratória no horizonte de análise foi fundamental. Pois como afirma Thomson (2002, p. 358), as “lembranças de quem fomos e de onde viemos moldam nosso sentido do ‘eu’ ou de identidade no presente e, dessa forma, afetam as maneiras como construímos nossas vidas”.

Por outro lado, a memória pode tecer laços com o passado que não necessariamente tenham um “começo” no arco temporal estipulado pelo pesquisador. Às vezes, para chegar até uma determinada memória, muitos laços de sentido com um passado anterior ao desejado podem ser construídos pelos contadores. Estes laços acabam muitas vezes se repetindo por quem os tece. Por isso, convém sublinhar que muitos acontecimentos contados podem acabar extrapolando o período de análise de uma pesquisa, e mesmo da própria vida de quem conta, mas que dentro de uma lógica particular da memória devem ser historicizados, sobretudo, o “porquê” destes “recuos” e a necessidade de fazê-los. Como afirma Cléria Botelho da Costa (2014, p. 57), “no relato, as informações que escapam ao tema pesquisado não devem ser vistas pelo pesquisador como ornamentos, como um simples acessório, mas como o próprio mundo, o contexto, o quadro da vida onde as narrativas foram engendradas.”

Não obstante, para cada membro de um grupo social, a vivência de um acontecimento é diferente. A idade, o momento da vida, o gênero, deixam marcas peculiares em cada um. Nas palavras de Elizabeth Jelin (2002, p. 119):

Há um fato evidente: mesmo como membro do mesmo grupo social – desde a família até a humanidade – a vivência de um acontecimento histórico é absolutamente diferente dependendo da idade da pessoa em questão. Viver uma guerra aos cinco, aos vinte e cinco ou aos setenta são fenômenos subjetivos distintos, como também é se alguém está no lugar dos fatos ou à distância, ou se é um homem ou uma mulher [tradução própria].

Sob essas circunstâncias, este artigo busca analisar, sobretudo, a narrativa de Anna não como uma simples resposta as indagações das entrevistas, mas como um produto interior. Referente a uma construção da memória, ou, a reelaboração das experiências vivenciadas, no contexto do tempo presente, que permitam a construção de uma visão retrospectiva, relativamente organizada, de um sujeito histórico. Na narrativa de Anna procura-se investigar

como ela conta sua história de vida na URSS e interpreta este passado que antecedeu sua partida, e quais os sentidos expressos através do trabalho da memória e do filtro da linguagem. Deste modo, para que seja dotada de historicidade se faz necessário observar como esse contexto é interiorizado pela narradora.

As histórias de vida, conforme Benito Bisso Schmidt (2003, p. 68) podem “servir para introduzir o elemento conflitual na explicação histórica, para ilustrar, matizar, complexificar, relativizar ou mesmo negar as análises generalizantes.” Em contrapartida, uma trajetória não é o retrato de um indivíduo como uma unidade que corta linearmente o período de uma vida, mas uma análise multifacetada de uma existência concreta (SCHMIDT, 1996, p. 184-185). Por isso, tratando-se da história de uma pessoa viva, ao utilizar a metodologia da história oral, segundo Verena Alberti (2004, p. 77), é necessário “ouvir contar”, pois para expressar suas experiências “o entrevistado transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido.”

A memória, por sua vez, implica uma relação afetiva de quem lembra com aquilo que aconteceu. Como afirma Pierre Nora (1993, p.9), a “memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento”. Aspecto que, de fato, interessa esta análise, isto é, a reconstituição do vivido, que é também uma reconstituição de “si”. As histórias de vida ganham assim um potencial ordenador dos acontecimentos que “balizaram uma existência”, de modo que a reconstrução de si, realizada pelo indivíduo, pode definir seu lugar social e as suas relações com os outros. Acepção que Michael Pollak (1989, p. 13) se vale para afirmar que estas “devem ser consideradas como instrumentos de reconstrução da identidade, e não apenas como relatos factuais”.

As relações humanas, gestos e atitudes de ambos os lados, também carregam implicações concretas para a pesquisa com história oral. Schmidt (2017, p.15) chama de “autêntica relação humana”, isto é, “o olho no olho”, em que diversos gestos e atitudes influenciam entrevistador e entrevistado. Ainda que possa parecer um privilégio o historiador “conversar com suas fontes”, a história oral é uma metodologia que exige apurações e avaliações constantes, demandando cuidados específicos. De modo que passa por uma reflexão sobre o tempo, sobretudo, através da perspectiva da História do Tempo Presente (HTP). Este tempo não é sinônimo de história oral. Para François Dosse (2012, p. 12), trata-se de uma espessura temporal do espaço de experiência, em que o “historiador, então, recebe uma nova tarefa que é a de encontrar a indeterminação do presente das sociedades passadas”.

Como afirma Thomson (1997, p. 57), a “memória gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências relembradas”, muito em função dos relatos públicos no presente sobre o passado e suas mudanças. Em relação aos estudos da memória nos espaços pós-soviéticos, a historiadora russa Olga Novikova (2007) adverte sobre a questão do “enfrentamento ideológico” nestas regiões. A autora problematiza a perspectiva de conferir um poder absoluto para o Estado Soviético, buscando conferir uma margem de agenciamento e de clivagens internas para os indivíduos. No dizer de Novikova (2007, p. 72):

[no] Ocidente, o regime político que prevalece na União Soviética é geralmente definido após a Revolução de Outubro como totalitário. Também destaca a enorme pressão ideológica que o partido bolchevique exerceu sobre toda a sociedade. Tais afirmações, no entanto, iludem o fato de que o regime soviético durou mais de setenta anos, durante os quais teve que se adaptar a um ambiente de mudanças sociais internas e profundas muito variáveis e, conseqüentemente, sofreu múltiplas transformações, como aconteceu em outros estados europeus [tradução própria].

A cientista política ucraniana Tatiana Zhurzhenko (2012), pesquisadora da política de memória na Europa Oriental e da política de gênero e feminismo na Ucrânia, trouxe uma expressiva contribuição para o cruzamento entre as análises acerca da dissolução da URSS e a memória. De modo que o “enfrentamento ideológico”, referido por Novikova, é tensionado pela busca do Estado Soviético de construir uma consciência de massa, uma cultura comemorativa em relação a Segunda Guerra Mundial, inseridas dentro de uma “geopolítica da memória”. Tal conceito, como poderá ser visto adiante, tem uma historicidade, não apenas sob o ponto de vista externo da Guerra Fria, mas das transformações internas da própria URSS.

A escolha da história oral, em vista da adequação deste método aos objetivos da pesquisa, possibilita acompanhar caminhos, desvios e encruzilhadas de indivíduos na sua historicidade.² Instituído-os como sujeitos históricos, que antes poderiam estar subsumidos dentro de um todo homogêneo e impessoal. As vozes que emergem de um encontro da história oral com a história das mulheres podem, por exemplo, segundo Silvia Salvatici (2005, p. 35) servir para desafiar e criticar a “universalidade abstrata e neutra com a qual geralmente tendemos a identificar o ser humano”. O trabalho com a memória é assim uma possibilidade de análise de como uma personagem experimentou e percebeu sua vida na URSS até o momento da derrocada. No seu verso, aquilo que não é dito, o silenciado, o esquecido, os significados e

² Este artigo utiliza duas entrevistas de história oral realizadas com Anna Savitskaia no ano de 2018. A primeira em 31 de agosto e a segunda em 13 de setembro. Ao longo do texto, as citações, diretas e indiretas, de trechos das entrevistas serão referenciadas como Entrevista 1 e Entrevista 2, respectivamente. Em anexo podem ser consultados os tópicos elaborados pelo entrevistador para as duas entrevistas (Anexo 2; Anexo 3).

as “Pasárgadas” da memória, estas expressões que buscam transmitir um sentido, bem como o momento da coleta das narrativas, convivem com as experiências e percepções.

Por último, antes ouvir a voz da entrevistada, e as vozes de outros tempos que por ela ecoam, é necessário identificar alguns lugares de fala (COSTA, 2014; SCHMIDT, 2017). Anna, mulher, imigrante da ex-URSS, com formação superior e professora particular atualmente, tem também uma atividade intelectual não acadêmica. Além de proferir conferências como as mencionadas anteriormente, participa do coletivo de pesquisa Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia (CEII) e é tradutora da plataforma digital *LavraPalavra*, que veicula reflexões, críticas, resenhas e notícias sobre diversos temas contemporâneos.³ Este pesquisador que escreve, homem, à época das entrevistas ainda graduando, inaugura sua produção em estudos na interface entre história oral, memória e identidade com a presente pesquisa. De modo que, não apenas a análise das fontes aqui presentes, mas a própria visão teórico-metodológica foram amadurecendo e refinando-se ao longo das idas e vindas deste trabalho, das críticas e sugestões.

1. A “filha revolucionária”: um começo na “Grande Guerra Patriótica”

O título desta primeira sessão se chama “a filha revolucionária” em referência à “brincadeira” que a mãe de Anna, Emma Aleksándrovna Záitsev, fazia com a sua data de nascimento. Diz ela: “[...] *nasci em 1964, inclusive, dia sete de novembro, que é 25 de outubro... a mãe sempre me chamava de ‘a minha filha revolucionária’ [risos]... no aniversário da Revolução Russa Bolchevique*” (Entrevista 1).⁴ O aniversário da Revolução de Outubro de 1917 era comemorado oficialmente em novembro na URSS, devido a troca do calendário Juliano, usado pela Igreja Ortodoxa Russa, pelo Gregoriano, a partir de 1918.⁵

Anna, que comemora o aniversário junto com a Revolução Russa, nasceu no dia sete de novembro de 1964, um mês após a URSS também dar à luz a um novo período de sua História: a Era Brejnev (1964 -1982). Grande parte da vida de Anna na URSS foi durante essa época, que se inicia com a retirada de Nikita Khrushchev (1953-1964) do cargo de Secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) e a ascensão de Leonid Brejnev em outubro de 1964. O período de Khrushchev, também conhecido como “O degelo” – homônimo do título do romance do escritor ucraniano Ilya Erenburg (1958) publicado em 1954, em alusão ao que

³ É possível ter acesso aos conteúdos do CEII e do *LavraPalavra*, respectivamente, através dos seguintes endereços eletrônicos, <https://www.ideiaeideologia.com/> e <https://lavrpalavra.com/>.

⁴ As citações das entrevistas ao longo do texto encontram-se em itálico para diferenciar de citações de autores e autoras da bibliografia referenciada.

⁵ Quando mencionados eventos deste íterim é sempre necessário expor se a data se refere ao calendário Juliano (antigo) ou ao Gregoriano (moderno) (GONZÁLEZ, 2012, p. 46).

seria o “longo inverno” da Era Stalin - conduziu a uma “desestalinização” a partir do XX Congresso do PCUS, em fevereiro de 1956. Conforme Novikova (2007, p. 73), este período foi marcado pelo surgimento de uma nova geração, que em grande parte estrelou a *Perestroika* na década de 1980, e exerceu uma influência considerável sobre a política e a cultura russa, a chamada geração dos anos 60.

Mas Khrushchev não seria o último a ter seu período como Secretário-geral alcunhado. A Era Brejnev também ficou conhecida por outro nome: “era da estagnação”, incluindo os curtos governos de Yuri Andropov (1982-1984) e Konstantin Tchernenko (1984). Esta denominação, assim como a de Stalin, é posterior, do que se pode chamar de Era Gorbachev (1985-1991).⁶ Evidentemente, “estagnar” pode remeter-se a uma nova “cristalização” das águas que fluíram do degelo, porém, cabe ressaltar, que essas denominações se remetem a uma afirmação do poder político, tanto de grupos quanto de indivíduos. Khrushchev, no mesmo congresso em 1956, denunciou seu antecessor, Josef Stalin (1922-1953). Enquanto Brejnev e o seu entorno assumiram um discurso completamente oposto à época, o da estabilidade e da eficiência (socialismo desenvolvido). Para Ângelo Segrillo (2000, p. 23), até por volta de 1960, registraram-se altas taxas de crescimento, a partir daí, contudo, a economia entrou numa curva relativamente regular decrescente chegando a níveis mais baixos em meados de 1970. O que, com o uso de subsídios, alta dos preços de matérias-primas produzidas pela URSS e a centralização de órgãos de controle da economia, transferindo recursos de um setor da economia para outro, tornava-se possível a estabilidade do padrão de vida, mesmo com índices de crescimento econômico decrescentes (SEGRILLO, 2000, p. 23).

Anna nasceu na República Socialista Soviética da Ucrânia, em Donetsk, em meio a estas transformações. Antes de 1961 a cidade chamava-se Stalino, em referência ao antigo Secretário-geral,⁷ denominação recordada por Anna: “*na época antes da Segunda Guerra Mundial, se não me engano, era chamada de Stalino*” (Entrevista 1). O seu pai, Yakov Porfírievich Záitsev, um Engenheiro de Alimentos (ex-militar) que lutou na Segunda Guerra Mundial, também nasceu em Donetsk. Sua mãe, Emma, uma pedagoga, nasceu em Barnaul na Rússia. Na primeira entrevista com Anna, buscou-se ouvi-la sobre a sua formação profissional, Línguas Romano Germânicas, que lhe garantiu a patente de tradutora militar.

⁶ Nas palavras Mikhail Gorbachev: “Num certo momento, e isto ficou bastante claro na segunda metade dos anos 70, aconteceu algo que à primeira vista parecia inexplicável: o país começou a perder impulso [...] Começaram a aparecer na vida social elementos do que chamamos de estagnação e outros fenômenos estranhos ao socialismo. Formou-se uma espécie de freio que afetou o desenvolvimento sócio-econômico” (GORBACHEV, 1987, p. 17).

⁷ Durante a “desestalinização” promovida por Khrushchev, as cidades soviéticas com o nome de Stalin foram renomeadas. Stalino recebeu o nome de Donetsk, derivado do Rio *Donets*, afluente do Rio *Don*.

Contudo, nesta entrevista, se obteve logo de início um “recuo” na narrativa, não fundamentalmente de tempo, mas de escolhas de acontecimentos que transbordaram o arco temporal da pesquisa. Tal “recuo” se articulou não apenas com a história de sua família, mas com a história da família inserida e apropriada por acontecimentos marcantes da URSS, sobretudo, a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria. Não se busca com essa narrativa é claro referendar uma trajetória como uma “série única e por si suficiente”, valendo-se da crítica de Pierre Bourdieu (1996, p. 190), de acontecimentos sucessivos, dentre os quais uma formação profissional cortaria linearmente sua vida. E, como afirma o autor, tal análise seria tão absurda quanto “tentar explicar a razão de um trajeto de metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações” (BOURDIEU, 1996, 189-190), ou, simplesmente, como um fim em si mesmo.

O pontapé inicial da narrativa de Anna causou uma certa surpresa ao entrevistador, pois esta começou, no que tange os acontecimentos históricos, na Segunda Guerra Mundial. Diferente da escolha de demarcar um capítulo sobre o início de uma narrativa de vida pelo seu nascimento, Anna optou por recuar ainda mais, traçando linhas através da narrativa de sua família. E é assim que a escolha do “seu começo” se inicia (Entrevista 1):

*Ta, vamos falar então da mãe primeiro. O nome da minha era Emma, ela nasceu na Sibéria, na cidade de Barnaul, perto de Novosibirsk. Quando começou a Grande Guerra, o pai dela era militar de carreira e, inclusive, ele era tanquista, e foi até Berlim. Quando morava lá... acho que a minha avó materna... não era médica... nem técnica de enfermagem... se chamava ‘ferchar’ [...] Durante a Segunda Guerra, também eu não sei... eu digo **Guerra Patriótica**, para nós...*

Depois, quando a guerra acabou... o avô foi encaminhado... porque foi muito centralizado... onde precisava dos profissionais... Passou a morar em Kaliningrado, que foi anexada... já fazia parte do Império Russo, inclusive antes da Revolução... depois do fim da Segunda Guerra foi anexada de volta para a União Soviética, junto com as Repúblicas Bálticas... Então, quando foi para lá a minha mãe decidiu fazer a faculdade de pedagogia.

O meu pai nasceu em Donetsk, [...] era jovem, participou da guerra, mas foi estudar na Academia Militar, e era tipo Engenheiro de Alimentos. Em Kalinin que eles se conheceram; se casaram; e, lá nasceu minha irmã mais velha, Larissa [...] Então, eu acho que eles foram morar, já com a Larissa, ela era pequenininha, com o avô em Kaliningrado, por uns dois ou três anos, depois foram para a Polônia. A parte da Polônia que o pai trabalhou junto com... tipo um quartel soviético... que tinha em todas as outras repúblicas... nos países satélites socialistas... todos eles tinham quartel [...] Mas bom, eles ficaram uns dois ou três anos, depois voltaram. Voltaram para de onde o pai era, Donetsk, e, foi lá que eu nasci [grifo autoral]⁸

⁸ Vale sublinhar que as cidades mencionadas por Anna não encontram-se apenas na Ucrânia. Para melhor compreensão do espaço descrito cabe localizá-las atualmente: a) *Sibéria* é uma província russa na Ásia Setentrional; b) *Barnaul* é a capital da divisão federal de *Krai de Altai*, no sul da Rússia, que faz fronteira com a República do Cazaquistão; c) *Novosibirsk* é uma divisão federal com uma capital de mesmo nome, que faz fronteira com *Krai de Altai* e com a República do Cazaquistão; d) *Berlim* é a capital da Alemanha; e) *Kaliningrado* é a capital da província russa homônima entre a Polônia e a Lituânia, à beira do Mar Báltico; f) as *Repúblicas Bálticas* são três Estados soberanos na costa leste do mar Báltico ao norte da Europa: Estônia, Letônia e Lituânia; g) *Kalinin*, atual *Tver*, é a capital da divisão federal homônima, na confluência dos rios *Volga* e *Tvertsa*.

Desta narrativa é possível observar alguns elementos que suscitam a complexidade e a diversidade da memória, que, na acepção de Pollak (1992, p. 201), pode ser vivida tanto pessoalmente quanto “por tabela.” Este último corresponde aos acontecimentos vividos por uma coletividade à qual a pessoa se sente parte, e assim, até mesmo os que não viveram podem sentir-se como sujeitos do mesmo passado. Para Pollak (1992, p. 201):

Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.

Para Anna estes acontecimentos são as vivências da sua família na guerra, ou, como ela chama na “Grande Guerra Patriótica” (denominação soviética). A passagem de seus avós e de seu pai por este acontecimento está inserida na lógica da narrativa sobre a sua vida, assim como o espaço-tempo destes sujeitos, principalmente a esfera da Europa Oriental, que evidentemente não é tomado dentro de um espaço físico rigorosamente delimitado (fronteiras políticas).

Assim como o espaço, o tempo da guerra também não parte de marcos históricos rígidos (o 22 de junho de 1941 com o avanço das divisões do Terceiro Reich sobre a URSS ou o 8 de maio de 1945, com a rendição da Alemanha), mas por um período que engloba desde a guerra na URSS até a reconstrução e a expansão do campo socialista pelo leste europeu. Como afirma Ecléa Bosi (2012, p. 198), o fato do espaço-tempo não seguir uma ordem rigorosa – cronológica ou geográfica – pela memória, não significa que esta seja arbitrária, ela pode estar apenas em busca de “significações comuns”. E segue dizendo que (2012, p. 198):

O passado não é uma sucessão de fatos ou camadas que se vai escavando. A memória desconhece a ordem cronológica. Minha hipótese é que ela opera com grande liberdade, recolhendo fatos memorados no espaço e no tempo, não arbitrariamente – mas que se relacionam através de índices de significação comum.

Através desta perspectiva, o “recuo” é uma forma de encontrar significações. O pai, Yakov, e, especialmente, os avós maternos, Nikoláievna Mikháilova e Alieksandr Mikháilov, são lembrados pelos seus trabalhos durante a guerra. A primeira pelo atendimento dos feridos e o segundo por ter sido soldado e ter avançado em direção a Berlim (Anna conta que não chegou a conhecê-lo pessoalmente). Essa memória socializada, ou mesmo herdada, é fortemente expressada por estas narrativas da guerra, um momento em que se vivenciaram acontecimentos “fortes”, que foram decisivos para as suas vidas, assim como influenciaram os destinos dos segmentos sociais envolvidos.

Vale sublinhar a interconexão existente na narrativa entre a construção de papéis sociais e a atuação dos sujeitos. Pesquisas referentes à experiências de guerra (as trincheiras da Primeira Guerra Mundial, a campanha da Rússia na Segunda Guerra Mundial, a Guerra do

Kosovo), em que o espaço público e o privado aproximam-se de modo dramático e memorável através da fala das testemunhas, tem redesenhado essas fronteiras, sobretudo através das narrativas de mulheres (SALVATICI, 2005; PORTELLI, 2017). Segundo Salvatici (2005, p. 37, grifo da autora), comparando seus estudos sobre o Kosovo pós-guerra com os de Alessandro Portelli (2017) em Terni, na Itália, percebe-se que nos “relatos das mulheres o *pathos* de esposas, mães e irmãs, geralmente retratado numa imagem de resistência feminina passiva e aparentemente confinada à esfera doméstica, adquire características de uma resistência *ativa*”. Nesse sentido, pode-se perceber na narrativa de Anna que, o papel tradicional de defensor, para fora da esfera familiar, é tanto masculino quanto feminino, da avó e do avô (e também do pai). Caracterizando-os, nas palavras de Salvatici (2005, p. 39), como colaboradores na “defesa da comunidade”. Aspecto que pode espelhar uma imagem da guerra muito mais articulada devido o encontro entre o privado e a história.

A definição de memória “por tabela”, em contrapartida, pode ser ainda mais tensionada (ou complexificada), na medida em que a socialização destes acontecimentos pode tocar outros aspectos, para além da memória familiar. Segundo Zhurzhenko (2007), a “Grande Guerra Patriótica” tem uma dimensão geopolítica que não pode ficar de fora de qualquer análise da memória da guerra na URSS e nas repúblicas pós-soviéticas, onde:

[a] ‘grande vitória sobre o fascismo’, representada pelos soviéticos, foi o bilhete de entrada para o clube das potências mundiais, legitimou seu novo status no continente europeu e sua nova esfera de influência. A Rússia, como libertadora da Europa Oriental dos “bárbaros fascistas”, tornou-se assim não só uma nação poderosa, mas também ‘europeia’ [tradução própria].

Esse novo *status* foi alcançado sob duras penas, pois nenhum outro país teve tantas baixas no conflito, entre militares e civis, quanto a URSS.⁹ Logo, a legitimidade que estes acontecimentos a proporcionaram entre as potências mundiais tem em seu verso o impacto de milhares de mortos e famílias atingidas pela invasão do Exército Nazista. As narrativas oficiais da guerra passaram a enfatizar o heroísmo do Exército Vermelho, assim como da população civil que resistiu à ocupação nazista. Para Zhurzhenko (2012), durante o período em que Leonid Brejnev esteve à frente da URSS, o triunfalismo foi ainda mais elevado, sobretudo durante a

⁹ Milhares de cidades, vilas e aldeias ficaram em escombros. Leningrado, Stalingrado, Kiev, Kursk, Kharkov, Minsk, Rostov, Sebastopol, todas foram destruídas. Segundo Robério Paulino Rodrigues, “reerguer as cidades, reinstalar o equipamento urbano, treinar novos trabalhadores para substituir os que haviam morrido ou haviam sido transferidos durante a guerra, eram estas algumas das urgências. Estradas, pontes, linhas férreas, os sistemas de comunicações, além das indústrias destruídas ou pilhadas, havia que reconstruir tudo, reparar, fazer operar. Estima-se que no final da guerra, ao leste do país, somente entre 3% e 4% do equipamento industrial estava em condições de funcionamento. No Ocidente, muitos analistas avaliavam que a URSS não conseguiria se levantar por muitas décadas e que ficaria fora do jogo político internacional por um bom tempo, porque iria se dedicar em paz a tratar seus ferimentos.” (RODRIGUES, 2006, p. 116).

década de 1970, que como mencionado, trouxe estabilidade para o padrão de vida soviético nos principais centros urbanos.

Ainda falando da sua família, Anna recorda de um dos vários esforços empreendidos pela URSS durante a guerra: “*Era muito importante... algumas empresas foram evacuadas da parte europeia da União Soviética [...] para poder produzir, inclusive para o front*” (Entrevista 1). Esta transferência maciça de indústrias inteiras da parte ocidental para as regiões orientais, em função da invasão é um exemplo que se soma aos imensos impactos da guerra na URSS.¹⁰ Nesse sentido, o que se chamou aqui de acontecimentos “fortes”, são de fato as experiências dos atingidos pela guerra. Não se trata apenas de um acontecimento que fez parte da história do país de Anna, mas, para ela, de um acontecimento que é narrado como parte da sua própria história, que lhe foi socializado e também construído historicamente frente a um enfrentamento geopolítico. Este enfrentamento, por sua vez, não foi apenas econômico ou militar, mas igualmente de ordem ideológica, em que o triunfalismo da “Grande Guerra Patriótica” construído na década de 1970, está próximo de uma “memória nacional.” Como afirma Ulpiano Bezerra de Menezes (1992, p. 15), as memórias nacionais são do caldo da cultura, ligadas justamente as ideologias da cultura nacional, em que pátria, triunfo, identidade nacional são termos que ganham protagonismo.

É importante observar que memórias de guerra têm certos contornos particulares. Thomson (1997, p. 54), nos primeiros anos da década de 1980, iniciou uma série de entrevistas com veteranos australianos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), conhecidos como *Anzacs* ou *diggers* (escavadores). Estes ex-combatentes desfrutavam da reputação de terem forjado uma “nacionalidade australiana”, baseada em um “batismo de fogo” em Galipoli e no *front* Ocidental. Embora se tenha aqui elementos muito distintos (australianos e soviéticos, Primeira e Segunda Guerra Mundial, países diferentes), é importante ressaltar de Thomson alguns aspectos. Em especial, o que o autor chama de “composição”, isto é, o processo de “construção” de reminiscências, que ampara o pesquisador da memória para observar que o processo de construção desta se baseia na linguagem e nos significados conhecidos de cada cultura, de modo que as histórias não são representações exatas do passado, mas carregam aspectos e os moldam para que se ajustem às identidades e aspirações do presente (THOMSON, 1997, p. 56-57).

A memória sobre a “Grande Guerra Patriótica” é então atravessada por distintos elementos e tensionada por diversas chaves de análise, se a escolha for partir de uma ampliação

¹⁰ Juntamente com as milhares de indústrias transferidas às pressas no início da guerra, estima-se que 10 milhões de trabalhadores e habitantes do leste e suas famílias tenham sido transferidos para outros locais desconhecidos (RODRIGUES, 2006, p. 115 – 116).

do conceito de memória “por tabela” de descendentes de ex-combatentes como Anna ou outras formas de ação durante a guerra. De qualquer forma, é nas narrativas de histórias de vida de guerras (ou de outros eventos decisivos), como na de Anna, que encontram-se imagens muito mais fragmentadas e interconectadas, se comparadas com os discursos públicos (SALVATICI, 2005, p. 41).

Como Anna conta, seu avô foi encaminhado pelo Exército para a cidade de Kaliningrado no Mar Báltico, assim como seu pai, posteriormente, também foi encaminhado para a Polônia, porém sem recordar para qual cidade. Tais lembranças carregam ênfases na organização e na centralização do Exército. Como se vê, este “recuo” não é apenas uma busca pelas “origens” ou simplesmente uma “tradição de família”, um “legado” individual, mas o estabelecimento de um processo pela narrativa, com um contexto relativamente ordenado pela memória. Constituindo laços de sentido que buscam “explicar” os condicionamentos sociais e dar-lhes uma “significação comum”. O palco em ruínas da Segunda Guerra Mundial, que baixada à poeira também baixou a temperatura entre os blocos da Guerra Fria, dimensiona e articula as ações dos familiares de Anna, e, também, como estes agiram frente as circunstâncias.

2. A vida em Kiev: história, memória e cotidiano

Na década de 1970, depois de voltar para Donetsk, o pai da Anna decidiu seguir a carreira acadêmica, segundo ela por questões de saúde relacionada a problemas renais, e, também, para poder ser liberado do Exército. Yakov começou a fazer mestrado em Engenharia de Alimentos em Kiev, capital da Ucrânia. A mãe de Anna nessa época trabalhava como secretária do curso de matemática da Universidade de Donetsk. Depois de concluir o mestrado, Yakov foi convidado para trabalhar no Instituto de Kiev, o que trouxe um “dilema” para a família, que para Anna se resumia da seguinte forma: “[...] *Bom, sabíamos que a capital sempre é mais complicada... a minha irmã entrou na faculdade, faculdade de economia, e então como é que a gente a deixa? Sozinha ou leva conosco?*” (Entrevista 1). Larissa, irmã mais velha de Anna, na época tinha 17 anos quando entrou na faculdade. Para não deixá-la sozinha e nem deixar de ir para Kiev, a avó de Anna, Nikoláievna, veio de Kaliningrado para ficar com Larissa em Donetsk.

Deste modo, sem deixar a irmã em Donetsk e nem deixar de ir para Kiev, os três puderam fazer a mudança, que não foi nada fácil segundo Anna. Os primeiros dois anos em Kiev são lembrados como “tempos difíceis” (Entrevista 1):

Os primeiros anos... em Kiev... não eram muito fáceis para nós [...] Os primeiros dois anos... dividimos com uma família de três pessoas inclusive no segundo ano da nossa vida em Kiev. O pai adoeceu... apareceu a doença de rins, pela qual ele saiu

do Militar. Então, foi muito complicado, isso eu lembro, porque tinha que mudar a cada ano, mas depois, eu já com quase... com 14 anos, 14 anos... conseguimos, pelo trabalho do pai, conseguimos um apartamento só nosso.

A cidade de Kiev foi um importante estado eslavo-oriental, com proeminência na região desde o século X, sendo ocupada por diversos grupos em séculos posteriores (mongóis, tártaros, poloneses e russos). No século XIX, Kiev tornou-se um próspero centro administrativo, sob a expansão do Império Russo na Ucrânia. Os alemães e os austro-húngaros ocuparam a cidade na Primeira Guerra Mundial, permanecendo até 1919. Com a Revolução Russa, Kiev perdeu sua posição como capital ucraniana para Kharkov, até 1934. Durante a Segunda Guerra Mundial, novamente os alemães ocuparam a cidade. As forças soviéticas em retirada detonaram bombas que destruíram grande parte dos edifícios da rua principal, Khreshchatik, assim como os alemães, que, quando em retirada, destruíram muitas partes da cidade. Após a guerra, o governo soviético investiu recursos pesados na reconstrução de Kiev, tornando-a a terceira cidade mais populosa da URSS (ROSEMAN, 2002, p. 26).

A dificuldade em conseguir uma moradia na capital não foi algo particular da família de Anna, assim como não é algo que se possa compreender por uma visão da questão habitacional, ou melhor dizendo, da falta dela, pelos mesmos princípios das sociedades ocidentais contemporâneas. A habitação na URSS era um ponto complicado, mesmo ainda nos anos 70. Havia as chamadas *komunalkas* (moradias comunitárias), em que as famílias dividiam o mesmo apartamento. Após a Segunda Guerra Mundial, as *komunalkas* foram subsidiadas e expandidas pelo Estado para resolver a carência de moradia. Com Khrushchev a diminuição do déficit habitacional foi encarada com a construção em massa de altos prédios para abrigar famílias individualmente (SEGRILLO, 2000, p. 21). Com efeito, o crescimento econômico da primeira década da Era Brejnev anéis de altos prédios começaram a cercar os centros urbanos, acompanhados pela ampliação do saneamento básico e do sistema de calefação.¹¹ Anna conta que os pais conseguiram um apartamento individual no final de 1979 (Entrevista 1):

[...] nunca foi por causa do dinheiro que tu não podia. A questão que eram muito poucos, foi questão de achar. Nem tinha indicação, porque quando o pai tava no hospital com a mãe... inclusive quando o pai adoeceu, já que ele tinha mestrado e era acadêmico, ele ficava num hospital que era especializado para os acadêmicos.

Havia falta de moradias em Kiev, com seu sistema de pagamentos de aluguéis artificialmente baixos, como resultado, várias gerações de uma família frequentemente

¹¹ Os níveis salariais, como um todo, também começaram a subir. O salário médio nominal na URSS, em *Rublos*, passou de 80,6 em 1960, para 122,0 em 1970. Considerando a inflação sobre o consumidor final na URSS, de caráter residual ou sazonal, houve uma elevação real do poder de compra do cidadão soviético na primeira década da *Era Brejnev*. Segundo Segrillo, utilizando o sistema de Índice de Preços do Consumidor do *Statiscal Yearbook* da ONU, de 1953 a 1969, pode se observar que houve uma *deflação* na URSS (SEGRILLO, 2000, p. 21; 287).

dividiam o mesmo apartamento por anos (ROSEMAN, 2002, p. 26). Anna reforça, entretanto, o fato de que as moradias eram subsidiadas pelo Estado, e que as taxas (eletricidade, água, gás) eram valores quase que “simbólicos”, por serem relativamente baixos. O tratamento de saúde do pai é lembrado sob um ponto de vista semelhante (Entrevista 1):

Porque eu lembro que ele ficava bastante tempo, já que era um problema no rim, então tirar um rim. Ele chegava a ficar tipo três semanas, depois ficava em casa, daí convalescia e voltava para lá. Então tava bem tranquilo quanto a isso. Só a questão da separação... a gente o visitava, mas nunca foi problema de dinheiro ou em algum... jamais isso, ou conversa entre os pais ‘como a gente vai pagar?’ Nunca foi... imagina, tu já tem problema... e ainda como a gente tá vendo a questão financeira.

A observação anterior sobre a moradia, surge novamente na questão da saúde, isto é, a visão que se busca compreender outra sociedade. Embora mergulhe-se aqui com profundidade em uma vida particular – mesmo que inserida em um contexto social – a narradora, Anna, é constante em refletir a necessidade de se fazer “parênteses” na análise da pesquisa e buscar uma compreensão que não parta de “categorias impositivas”; e que podem não refletir os condicionamentos de uma sociedade, que não aquela do pesquisador. Esta reflexão, dentre muitas outras ao longo da entrevista, foi algo que provocou um momento de problematização da posição do pesquisador. Afinal, a “autêntica relação humana” mostra como a fonte coloca-se crítica frente aquele que está na sua frente, revelando os seus próprios condicionamentos e os filtros “porquê” e “em que” passam a sua compreensão.

Ademais, essa reflexão suscitou, além dos condicionamentos sociais, a postura, enquanto pesquisadores, que tem-se em relação ao passado vivido e lembrado pela memória. Por isso, se fazem necessárias as palavras de Bosi (2012, p. 198):

Não temos, pois, o direito de refutar o fato contado pelo memorialista como se ele estivesse no banco dos réus, e dele exigir que nos diga a verdade, somente a verdade. Ele, como todos nós, vai nos contar a sua verdade. Depois, na interpretação de uma colheita de lembranças, nós temos que pensar, como cientistas humanos que nós somos, em um projeto – que tipo de conhecimento estamos buscando e produzindo.

Todavia, a interpretação do que é contado não está apenas no momento de reflexão do pesquisador. Pelo contrário, já encontra-se na voz do narrador uma primeira interpretação. Como bem refletiu Costa (2014, p. 23, grifo da autora) sobre a relação entre o pesquisador e o contador na interpretação da narrativa, o primeiro não pode perder de vista que:

[...] o *corpus* é elaborado por sujeitos com aspirações, emoções, que, com suas mãos, fiaram ou fiam o tecido vivo de sua história [...] [Por isso] o narrador pode e deve se posicionar sobre as interpretações de sua narrativa realizadas pelo pesquisador.

Nem o que conta e nem o que ouve são sujeitos passivos, trata-se de uma relação dialógica, “uma negociação entre forças culturais diversas, que pode atenuar o domínio do pesquisador sobre as outras culturas e vozes da narrativa, oportunizando a visibilidade do outro,

o direito de ele se expressar a partir da periferia do poder” (COSTA 2014, p. 64). Questões da atualidade, por exemplo, bem como memórias evocadas pelas mais diversas mídias, como disputas de narrativa sobre os ideais socialistas, podem vir à tona. O “enfrentamento ideológico”, nesse caso, também está na órbita da reelaboração do passado (NOVIKOVA, 2007, p. 71). Em relação a questão da moradia se revolveu ouvi-la sobre o seu “lar” junto com a família (Entrevista 1):

Entrevistador - Tu lembras como era o apartamento de vocês?

Entrevistada - Sim... um fato que a gente até poderia falar mais, eu gostava muito do nosso apartamento. Mas era assim ó... eu posso te dizer que nunca na minha vida eu passei frio, mais do que aqui no Rio Grande do Sul. Lá, com temperaturas baixas, de zero e tudo... calefação central [...] Claro, não era grande nosso apartamento, que eu lembro os metros... ‘Ah’ eu acho que era uns... não era muito grande... uns 55m². Mas tinha uma sacada coberta, calefação, cozinha, que também era pequena, mas era sempre autossuficiente.

Anna recorda com detalhes do apartamento que viveu com a família e depois com Oleg até a saída do país em 1992. Descreve cada cômodo da casa. Aponta diferenças com a moradia no Brasil: “quando eu cheguei aqui eu disse ‘mas como assim não tem banheira de imersão!’ Disseram não, só nas casas chiques que tem” (Entrevista 1). E, inclusive, destaca os locais de fabricação dos móveis: “eu acho que a mesa e as poltronas eram feitas na ex-Iugoslávia [...] Da sala era da Romênia, eu acho... era um conjunto, com cristaleira, tudo junto” (Entrevista 1). Cada detalhe não é relembrado à toa, e sim como uma forma de trazer “cores”, “formas” e “texturas” para a narrativa, de modo que é apresentada uma espécie de “microcosmo” vivo na memória. Como Anna mesmo conta: “[...] quando a gente assiste os filmes soviéticos parece tudo padronizado, mas vai ver então! Eram bem duráveis, bem bonitos... e durava, durava” (Entrevista 1).

Quando se resolveu ouvir sobre os telefones domésticos, querendo saber sobre o acesso aos aparelhos eletrônicos de consumo, Anna recordou da convivência com os vizinhos do andar de baixo do seu edifício (Entrevista 1):

Os telefones eram mais complicados, também era de graça, às vezes tinha que ficar na fila esperando. Era muito, muito interessante isso, por exemplo, no nosso edifício. A gente dividia a linha com os vizinhos de baixo. Eles, inclusive, eram de origem judaica. O pai lembra deles, tinha amizade com eles. Inclusive, depois eles imigraram para Israel. Isso a gente ficou sabendo depois. Eram muito simpáticos. A gente tinha às vezes... precisava ligar, e aí tava ocupado, aí dava um descida rápida, batia: ‘a gente precisa de uma ligação de urgência’. Mas, já que era convivência socialista se achava um jeito. Não tinha briga. Dava para esperar, se não era urgente.

A narrativa de Anna sobre suas vivências em Kiev e sua casa foi o tema mais longo da primeira entrevista, tornando-se uma via privilegiada para compreender a articulação da história com a memória da cotidianidade (BOSI, 2012, p. 197). Sob esta ótica foi possível se aproximar do espaço do indivíduo, ou seja, do seu exercício direto de individualidade, ainda que dentro

de um contexto situado. De acordo com Schmidt (1996, p. 187-188), o resgate do cotidiano contribui para a análise da trajetória de vida ao trazer uma dimensão que ocupa tanto o âmbito público quanto o privado, seja nas experiências ou nos discursos, pois:

[o] cotidiano é a vida de todos os dias, dos gestos, ritos e ritmos repetidos diariamente [...] Esta sucessão repetitiva do dia-a-dia [sic] comporta conteúdos bastante heterogêneos: engloba a vida familiar, o trabalho, as relações de vizinhança, o lazer, entre outros aspectos [...] [A] perspectiva da vida cotidiana permite ao historiador recuperar a tensão entre o biografado e seu contexto [...] Afinal, esta dimensão universal, rotineira, heterogênea e hierarquizada da vida humana não deve ser examinada de forma autônoma, desprovida de historicidade, deslocada das demais relações sociais.

As memórias do cotidiano de Anna não foram apenas uma descrição idílica de cenas do dia a dia, mas uma busca por significações de uma sociedade que ficou para trás no tempo e no espaço, e que se reconstrói pela memória. Talvez dispensável dizer, mas esta reconstrução tem seus pés no presente, tanto pela própria memória quanto pelo contexto “em que” “e que” se recorda – “aqui no Rio Grande do Sul”; “já que era convivência socialista”. É interessante ressaltar estes aspectos, pois os acontecimentos de um vida podem definir-se como “colocações” e “deslocamentos” no espaço social, nas palavras de Bourdieu (1996, p. 190):

[...] nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado [...] na relação objetiva entre o sentido e o valor, no momento considerado, dessas posições num espaço orientado [...] [pois] quem pensaria em evocar uma viagem sem ter uma ideia da paisagem na qual ela se realiza?

Nesse sentido, outra experiência de convivência que Anna contou foram as “práticas coletivas” nas fazendas cooperativas de Kiev, os *Kolkhozes* da URSS (Entrevista 1):¹²

É muito interessante isso... tanto no segundo grau... e antes eu acho, na sexta, sétima série, sempre era uma prática coletiva como a gente chamava. No verão, normalmente, em torno de 30 dias, uma coisa entre 25, 30 dias. A gente morava perto de um Kolkhoz, perto de Kiev, e ajudava na colheita. O que dava, por exemplo, no colégio a gente juntava lúpulo [...] Olha... olhando pra trás é uma das experiências mais legais. Na faculdade é a mesma coisa. O primeiro ano era beterraba que a gente juntava. Beterrabas, não essas pequenas, umas beterrabas maiores, que usava na alimentação do gado. No segundo ano... se não me engano eram umas abóboras... enfim o que precisava.

Conforme Anna o trabalho nos *Kolkhozes* era uma prática coletiva comum, que desde os seus tempos de colégio, no início do ano letivo, pediam ajuda para a colheita. Para ela o momento da colheita, além de proporcionar o trabalho coletivo, era também uma oportunidade de conhecer pessoas novas, de outros colégios ou outras faculdades, e de fazer amigos ou, até

¹² O *Kolkhoz* (kollektivnoe khoziaistvo) era um modelo de fazenda cooperativa que surgiu a partir da coletivização agrária do I Plano Quinquenal de desenvolvimento (1928-1933). Segundo Segrillo, a decisão de efetuar a coletivização forçada “não passava apenas pela questão econômica da agricultura de larga escala como a mais eficiente nas condições soviéticas. Ela foi consideravelmente uma decisão política do partido para permitir que a agricultura servisse como base para a industrialização do país (dentro do conceito de hegemonia do proletariado na aliança com o campesinato), e não como um fim em si” (SEGRILLO, 1998, p. 179).

mesmo, namorar. No seu caso, ela conheceu Oleg no segundo ano de faculdade, pois ambos estudaram no Instituto de Linguística de Kiev, ela no curso de línguas romano-germânicas e ele no curso de línguas latinas.

Antes de ingressar na faculdade Anna trabalhou um ano na biblioteca da Academia das Ciências da União Soviética de Kiev, na catalogação de microfilmes, como lembra: *“chegava pra nós de Moscou, provavelmente de São Petersburgo, publicações de todo o mundo nesses microfilmes, a gente tinha que separar depois catalogar”* (Entrevista 1). Anna ressalta que o trabalho era uma exigência para entrar na faculdade, *“tu tinha que apresentar o documento que tu trabalhou, não podia ‘ah’ vou me preparar, vou fazer cursinho, isso não [...] se tem em mente entrar [na faculdade], tinha que trabalhar”* (Entrevista 1). Novamente convivência e experiência são lembradas como aspectos marcantes da URSS, como diz (Entrevista 1):

“eu chegava às 9h e saía às 17h, ganhava, mas nem tanto por ganhar, porque eu precisava dessa experiência e depois eu acho que eu trabalhei em torno de... fiz amizades lá também... trabalhei em torno de uns sete meses”

A cotidianidade revela uma latência da situação do deslocamento para outro país, que traz uma afetividade de memórias de “outros tempos” – em especial de um país que passou por uma dissolução. Como afirma Thomson (2002, p. 359):

[...] as histórias de vida articulam os significados da experiência e sugerem maneiras de enfrentar a vida. Quando registramos estas histórias, não captamos apenas evidências inestimáveis sobre a experiência anterior e as histórias vividas. As próprias histórias representam a constante evolução dos modos pelos quais os migrantes constroem suas vidas através de suas histórias. Encaradas desta maneira, as histórias orais dos migrantes proporcionam evidências tanto sobre a experiência passada quanto sobre as histórias de vida que são uma parte importante e material da experiência dos migrantes.

Portanto, é importante ressaltar o papel do deslocamento – dentre vários articuladores – para não cair nem em uma “essência” desconjuntada da história de vida, e nem no endossamento de uma “ilusão biográfica”, isto é, tratar a vida como um relato linear e coerente, uma sequência de acontecimentos com significado e direção, uma ilusão retórica, uma representação comum da existência (BOURDIEU, 1996, p. 185). A crítica desse passado por Anna repousa na experiência da “perda”, que está no bojo do deslocamento e se vincula sobretudo com a relação passado-presente, ou seja, o modo de vida ou a formação social em si. Desta maneira, a “perda” de seu país favorece a emergência de uma necessidade de buscar significados em um passado que, por exemplo, excede o arco temporal de uma vida.

Em 1983, Anna ingressou na faculdade. Quando questionada sobre o que ela recordava do curso disse, principalmente, que: *“era bem concorrido, porque a gente era considerado, considerada, vamos dizer... os soldados e combatentes do front da Guerra Fria.”* (Entrevista

1). Esta foi a primeira menção da Guerra Fria durante a entrevista, de modo que se resolveu ouvi-la sobre o seu sentido na sua formação (Entrevista 1):

Entrevistador – Pela necessidade de saber outras línguas?

Entrevistada – Exatamente, e é por isso que muitas vezes a gente... a gente fala, mas é... recebia no caso duas... era um diploma secular e também uma patente militar. Sou tradutora militar, nunca cheguei de reserva [...]

O horizonte da Guerra Fria emerge em sua trajetória acadêmica. É importante ressaltar que uma possível e tradicional distinção entre campo de batalha, ainda que o termômetro da guerra estivesse gélido entre os blocos, e *front* doméstico (ou, entre combatentes e não-combatentes) é revertida em sua narrativa. Ao afirmar-se como combatente de um *front*, a narrativa de Anna não só apresenta habilidades e recursos empregados, mas também, segundo Salvatici (2005, p. 41), projeta “a imagem de novos espaços de ação e novas formas de responsabilidade.” Experiência que mobiliza, novamente, as fronteiras entre o público e o privado.

Na segunda entrevista, observou-se como Anna sentia a Guerra Fria – se sentia um medo, real ou abstrato, ou se se sentia ameaçada. Com o objetivo tanto de analisar a interiorização deste processo quanto pelo que Anna disse na entrevista anterior em relação a sua formação profissional, isto é, de que ela e seus colegas de curso eram considerados “soldados e combatentes do *front* da Guerra Fria”. Para Anna, com o degelo e a partir da Era Brejnev, houve, de certa forma, uma aproximação entre a URSS e os EUA, de modo que o país pode ser visto, não como um “amigo”, mas como um lugar, “misterioso” (Entrevista 2):

*Um país onde tu podes resolver as questões econômicas, de dia a dia, nas roupas, na música... que poderia resolver e a gente ficaria ‘felizes para sempre’ [...] ‘Eu vou pra Pasárgada’, o que é Pasárgada? É aquele **lugar imaginário** na verdade [...] É uma questão meio **psicanalítica**, mas a gente se sentia sabe... tu meio que aguenta, porque tu sabe que no fim, no fim, no fim do dia se tu quiser muito uma coisa imaginária tu podia fugir para lá, que era no caso EUA, e também a Europa Ocidental, mas mais [EUA] [grifos autorais].*

Anna revela uma face interiorizada da Guerra Fria, em que um dos polos, em dado momento, é percebido como um lugar “imaginário”, usando a Pasárgada de Manuel Bandeira como metáfora. Em contrapartida, ela destaca em seguida uma visão negativa dos EUA, principalmente em relação aos efeitos do capitalismo naquela sociedade, mas que também eram vistos com algumas dúvidas (Entrevista 2):

Quando mostravam, por exemplo, algumas... porque é Guerra Fria, tem que mostrar algumas coisas negativas... então mostravam, por exemplo, algumas pessoas na rua, dormindo, os sem teto... as atrocidades que aconteciam. Quando a gente olhava, meio que... não com desconfiança, mas dizendo ‘a mas sei lá se é assim’. É, é verdade. E eu acho que agora, do ponto de vista de morar 25 anos no capitalismo, eu não sei como a gente não acreditava. Acreditava, mas com ressalvas sabe.

Comumente a memória pode parecer como algo enraizado no passado, ou, na caricatura de Menezes (1992, p. 11), encarregada de ser um “almoxarifado do passado”. No entanto, segundo este, é fundamental destacar a relação da memória com o tempo presente, pois “[a] elaboração da memória se dá no presente e para responder solicitações do presente.” Segue dizendo que, é do presente que a rememoração recebe incentivo, “tanto quanto as condições para se efetivar” (MENESES, 1992, p. 11). O situar-se de Anna, “do ponto de vista de morar 25 anos no capitalismo” é tanto uma contraposição entre formações sociais quanto uma articulação com o presente, que “pode inverter radicalmente o valor original de um objeto passado” (MENESES, 1992, p. 11). De modo que, a própria metáfora de Pasárgada é uma elaboração no presente, dentro destes “25 anos no capitalismo” do Brasil. Por isso, segundo Portelli (2017, p. 190), “na oralidade não estamos de frente para um discurso concluído, mas para um discurso a realizar-se.”

Em relação as duas visões ressaltadas sobre os EUA na Guerra Fria é importante distingui-las: a primeira, enquanto um lugar “imaginário”, que era possível fazer inúmeras suposições sobre a sua formação social; e a segunda, enquanto um lugar que suscita muitas dúvidas em relação à forma como era representada na URSS. Ambas as visões, no entanto, estão articuladas e relacionadas ao próprio desconhecimento de outra realidade. Mas, por outro lado, Anna faz questão de lembrar que sempre teve acesso ao que ela chama de “literatura ocidental”, isto é, romances, poesias, ensaios e demais obras. Celebrando, inclusive, autores como Jack London, Ernest Hemingway e William Shakespeare, que segundo ela, eram traduzidos tanto para o russo quanto para o ucraniano (Entrevista 2).

Sobre a ameaça que era a Guerra Fria, no sentido desta se tornar uma guerra quente dentro do território soviético, Anna recorda da preparação, ou treinamento, que era praticado desde criança: “*preparação para ataque nuclear, uso de máscara, montando e desmontando Kalashnikov, isso a gente fazia tanto no segundo grau quanto na faculdade, que para nós eram quatro anos de tradução militar*” (Entrevista 2). Recorda especialmente que seu marido Oleg, antes de se formar, foi convocado pelo Exército para a Guerra do Afeganistão. Oleg foi encaminhado para a fronteira do Turcomenistão. Anna recorda de tê-lo visitado em Mary, capital da província homônima, no sudeste do país. A análise da interiorização da Guerra Fria de Anna é também um convite para compreender riscos e tomar certos cuidados em relação à memória e possíveis generalizações. Como Anna havia dito na primeira entrevista: “*a gente tá falando da minha experiência pessoal... depois no teu trabalho de pesquisa [dá para ver] que também não foi sempre muito homogêneo, as Repúblicas Asiáticas [por exemplo] a gente não vai entrar.*” Visão particular que também compreende a alteridade de sua própria sociedade.

Por isso, pode-se dizer que as memórias de Anna são profundamente influenciadas pela sociedade e pela época em que ela viveu. Não obstante, outra característica que aproxima muito a memória da história, é a articulação entre vivências individuais e grupais, experimentadas diretamente, com as não experimentadas. Essa reflexão se aproxima muito da memória “por tabela” mencionada anteriormente. Entretanto, a narrativa de Anna sobre os acontecimentos marcantes da Guerra Fria não são vivências antigas, experimentadas por antepassados e socializadas politicamente ou historicamente – embora não tenham sido experimentadas diretamente. Desta vez estas estão assentadas em seu tempo, o que suscita a reflexão que Janaína Amado (1995. p. 132) levantou sobre “memórias dos outros”, que seriam as “vivências dos outros, das quais nos apropriamos, tornando-as nossas também, por meio de conversas, leituras, filmes, histórias, músicas, pinturas, fotografias.” Essas apropriações, diretas ou indiretas, marcam a narrativa de Anna, principalmente sobre a atuação de Oleg na Guerra do Afeganistão.

Por fim, essas memórias também se articulam com o situar-se de seus condicionamentos sociais, pois, como afirma Amado (1995. p. 132), a memória é formada por “episódios e sensações que vivemos e que outros viveram.” Equivocamente pode-se cair em uma percepção da grande ênfase que dá a experiência militar, que emerge, sobretudo, em relatos sobre a sua formação, sua família e seu marido. Mas como mencionado, a guerra, o serviço militar, são aspectos tensionados por diferentes condicionadores e laços históricos – políticos, sociais, ideológicos, etc. – da formação social soviética. Que além do mais, contribuem para tencionar a geografia dos espaços públicos e privados.

Algumas palavras finais: o que se pode ouvir contar?

A história oral pode trazer memórias sobre acontecimentos, mas traz muito mais significados do que relatos factuais em si. Outrossim, estes significados não são um fim em si mesmo, correspondem a condicionamentos sociais e contextualizações que estão profundamente imbricados em sua expressão. Por isso, buscou-se compreender as memórias construídas por Anna e os elementos que se tornaram mais significativos, a par de um campo de tensões, contradições, possibilidades e impossibilidades. Interpretar fontes, sejam elas orais ou não, é um processo de escolhas, ênfases, contextualizações, formas, e, é claro, exclusões. No caso das fontes orais, elas próprias também podem refletir escolhas, ênfases... Dentro da relação passado-presente. Portanto, cabe compreender de que maneira se conta, “ouvir contar”, e, também, perceber aquilo que não poderia ser “óbvio” e tomar a fonte como um todo.

Neste processo se reconheceram as temáticas, percebendo aquilo que liga um assunto ao outro, e este reconhecimento foi essencial para a estrutura da análise. O que aqui se convencionou chamar, *grosso modo*, de “recuos” de Anna, por exemplo, é muito mais uma denominação para compreensão de sua narrativa, enquanto um estágio de busca de “significações”, do que um movimento cronológico propriamente dito. A necessidade de falar sobre acontecimentos que extrapolam o espaço-tempo de uma vida, como a “Grande Guerra Patriótica” – com uma margem de contextualização e articulação historiográfica – reflete justamente as especificidades e as perspectivas das fontes orais, bem como de seu método de análise e estudo. Entretanto, este foi o caminho seguido pela análise aqui desenvolvida, e de forma alguma é o único caminho possível.

Tomar a fonte como um todo possibilitou perceber tanto as recorrências quanto as expressões que sintetizam uma ideia ou tema. Junto a isso, recorrer à metáforas, como o poema *Vou-me embora pra Pasárgada*, revela a diversidade com a qual o trabalho da memória e o filtro da linguagem operam na construção de uma narrativa. Tais questões estão articuladas entre si, de mesmo modo que refletem as condições de produção das fontes orais (relações, posições). As primeiras, no entanto, se aproximam mais das ênfases, ou aquilo que se quer dar uma maior relevância, enquanto que as segundas refletem uma espécie de “chave” para se compreender significados, percepções, tanto da época quanto de uma reavaliação do presente. Neste sentido, observou-se os seus significados e sentidos e como foram produzidos. A narrativa da “Grande Guerra Patriótica”, além de mostrar que o vivido não corresponde à única camada da memória, também reverteu espaços e papéis sociais tradicionais (e, em outros casos, como da atividade de tradutora, da própria Anna). E, além do que se pode ser “socializado” ou “herdado”, também existem as “memórias dos outros”, ou seja, aquilo que é até mesmo do espaço-tempo do sujeito, porém não diretamente pessoal.

Sob este aspecto a vida cotidiana foi um ângulo privilegiado na reconstrução da trajetória de Anna, assim como dos significados produzidos em relação às questões que tocaram a sua vida no período analisado. O cotidiano pode ser acessado e percorrido por distintas vias, como a sociabilidade, por exemplo, que, por alto, diz respeito à relação com outros sujeitos. A narrativa, por sua vez, pode buscar expressar alguma forma de sociabilidade. Na fala de Anna, cotidiano, sociabilidade e narrativa interseccionaram-se quando o assunto foi as experiências de convivência. O compartilhamento do telefone com os vizinhos, o trabalho coletivo nos *Kolkhozes*, etc., foram algumas das principais escolhas para desenvolver uma narrativa que expressa-se sociabilidades.

Por fim, todas essas questões apontadas dialogam com a superação da caricatura da memória como um “almoxarifado do passado”, pois a relação desta com o presente, e, no caso de Anna, com a experiência migratória, são elementos fundamentais na composição daquilo que nos conta. A reconstrução de sua trajetória contou igualmente com um processo de reavaliação deste passado, em que se pode perceber distintos ângulos expostos, críticas, explicações de significados e motivos. Constantemente se ouviu uma crítica sobre o passado em que o ponto de vista do presente, daquele país que ficou para trás, ganhou destaque. Por outro lado, a necessidade de situar a formação social, expressar formas de sociabilidade, o modo de vida em alteridade a outras sociedades, sobretudo as Ocidentais, refletem tanto as experiências vivenciadas neste outro lugar quanto as “antigas” e “novas” identidades.

Referências:

Fontes orais:

SAVITSKAIA, Anna. Entrevista 1 [jun. 2018]. Entrevistador: autor do artigo. Porto Alegre, 2018. 1 arquivo .m4a (01:21:52).

SAVITSKAIA, Anna. Entrevista 2 [set. 2018]. Entrevistador: autor do artigo. Porto Alegre, 2018. 1 arquivo .m4a (01:15:41).

Bibliografia:

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. *História*, São Paulo, v. 14: 125-136, 1995.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BOSI, Ecléa. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano: entrevista: Salomão Bruck. *Dispositiva*. Belo Horizonte, v.1, n.2, 2012.

COSTA, Cléria Botelho da. A escuta do outro: os dilemas da interpretação. *História Oral*, v. 17, n. 2, p. 47-67, jul./dez. 2014.

DOSSE, François. História do Tempo presente e historiografia. *Tempo e Argumento*. Florianópolis, v. 4, n. 1, 2012.

ERENBURG, Ilya. *O degelo*. Portugal: Ulisseia, 1958.

GONZÁLEZ, Wenceslao. *La reforma del calendario*. Las tentativas de transformar el calendario gregoriano. Cádiz, Espanha: eWT Editores, 2012.

GORBACHEV, Mikhail. *Perestroika*. Novas Idéias para o Meu País e o Mundo. São Paulo: Best Seller, 1987.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madrid: Siglo XXI de España Editores S. A., 2002.

MENESES, Ulpiano. A História, Cativa da Memória? Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 34, 1992.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, v. 10, n. 10, 1993.

NOVIKOVA Olga. La politica de la memoria: moldear el pasado para construir la sociedad democratica (la URSS y el espacio postsovietico). *Historia del presente*. Madrid, n. 9, 2007.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v. 2, n. 3, 1989.

_____. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. Um trabalho de relação: observações sobre a história oral. *Revista Trilhas da História*. Três Lagoas, v.7, n.13, jul-dez, 2017.

RODRIGUES, Robério Paulino. *O colapso da URSS: um estudo das causas*. 2006. 295f. Tese de doutorado (Doutorado em História Econômica) – Programa de Pós-Graduação em História Econômica, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

ROSEMAN, Gary. The real estate market in Kiev: history and issues. *Real Estate Issues*. Summer, v. 27, n. 2, 2002.

SALVATICI, Silvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. *História Oral*, v. 8, n. 1, 2005.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. *MÉTIS: história & cultura*, v. 2, n. 3, 2003.

_____. Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v. 10, n. 19, 1997.

_____. Introdução. In. *Flavio Koutzii: Biografia de um militante revolucionário – De 1943 a 1984*. Porto Alegre: Libretos, 2017.

_____. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. *Anos 90*. Porto Alegre, v. 4, n. 6, 1996.

SEGRILLO, Ângelo. A questão do “fardo” da agricultura na economia soviética e sua influência no desencadeamento da Perestroika. *Estudos de História*. Franca, v. 5, n. 1, 1998.

_____. *O declínio da URSS: um estudo das causas*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.

_____. Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre História Oral e memória. *Projeto História*. São Paulo, v. 15. 1997.

ZHURZHENKO Tatiana. Geopolitics of memory. *Eurozine*. 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/2O6hB6p>> acessado em 18 set 2018.

_____. Heroes into Victims. The Second World War in Post-Soviet Memory Politics. *Eurozine*, 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/2JigM9O>> acessado em 18 set 2018.

Anexos

Anexo 1 - Diploma de Línguas Romano-Germânicas, emitido em 11 de junho de 1988.



Fonte: Arquivo pessoal de Anna Savitskaia.

Anexo 2 - Entrevista com Anna Savitskaia. Porto Alegre, 31.07.2018. [ENTREVISTA 1]

- 1 – Fale um pouco sobre os seus pais. Quem era? O Que faziam? De onde eram?
- 2 – O que você se lembra da sua infância em Donetsk e depois em Kiev?
- 3 – Como foram os primeiros anos em Kiev? O que você se lembra da sua primeira casa?
- 4 – Por que você escolheu o curso de Línguas Romano Germânicas? Como eram os tempos da faculdade?
- 5 – Como você e Oleg se conheceram?

6 – Como foi para você a *Era Brejnev*? Qual a imagem que você tinha sobre o Secretário-Geral?

7 – Você se lembra da repercussão da morte de Leonid Brejnev?

8 – Como foi este curto período de Andropov e Tchernenko?

Anexo 3 - Entrevista com Anna Savitskaia. Porto Alegre, 13.09.2018. [ENTREVISTA 2]

1 – No fim da Era Brejnev, com a invasão do Afeganistão, quais eram os sentimentos em relação ao caminho do país? Sobre as lideranças.

2 – (Questão relacionada à entrevista anterior) Como você sentia a Guerra Fria? Existia um medo constante de um ataque? Uma “ameaça ocidental”?

3 – Como você observa a relação e posição da Ucrânia com a União Soviética?

4 – Você se formou em 1988, mesmo ano em que a URSS se retirou do Afeganistão, você lembra quais eram as conversas em família, com o Oleg que foi para a fronteira, sobre os motivos da guerra?

5 – Fale um pouco sobre o trabalho de tradutora militar. Divisão de trabalho. Quais eram as suas rotinas de trabalho?

6 – Qual a sua visão em relação à posição dos EUA na Guerra Fria? Qual a imagem que este país evoca em você?

7 – (Questão relacionada à entrevista anterior) Você tinha algum conhecido que entrou para o Politburo (PCUS)? As pessoas que eram do Politburo eram destacadas na sociedade? Tinham algo que as destacava (bens materiais, casas, viagens...)?

8 – Com a Glasnost, questões da Era Stalin e outras passagens da história soviética começaram a ser discutidas? Como eram essas discussões? Houve um debate público? Uma posição do Estado?

9 – Houve uma crítica ao passado e o reinício de uma campanha “antistalinista”? Você chegou a ler ou ter acesso a materiais críticos ao passado da URSS?

10 – O que você se lembra das eleições para o “Congresso de Deputados do Povo”? Você se lembra das diferentes “linhas” defendidas nas eleições? Favoráveis ou contrários às reformas?